



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

DANIELA FIDELIS BEZERRA

**A LINGUAGEM DOS FEIRANTES NA CIDADE DE
GUARABIRA – PB: UMA PERSPECTIVA VARIACIONISTA**

GUARABIRA – PB

2016

DANIELA FIDELIS BEZERRA

**A LINGUAGEM DOS FEIRANTES NA CIDADE DE
GUARABIRA – PB: UMA PERSPECTIVA VARIACIONISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do Grau Licenciado em Letras.

Orientador (a): Prof.^a Dra. Iara Ferreira de Melo Martins.

GUARABIRA - PB

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B574l Bezerra, Daniela Fidelis
A linguagem dos feirantes na cidade de Guarabira-PB:
[manuscrito] : uma perspectiva variacionista. / Daniela Fidelis
Bezerra. - 2016.
19 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.
"Orientação: Profa. Dra. Iara Ferreira de Melo Martins,
Departamento de Letras".

1. Variação linguística. 2. Jargões. 3. Fenômenos
linguísticos. I. Título.

21. ed. CDD 469.7

DANIELA FIDELIS BEZERRA

**A LINGUAGEM DOS FEIRANTES NA CIDADE DE
GUARABIRA – PB: UMA PERSPECTIVA VARIACIONISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação
em Letras da Universidade Estadual
da Paraíba, em cumprimento à
exigência para a obtenção do Grau
Licenciado em Letras.

Aprovado em: 18 / 10 / 2016



Prof^a. Dr^a. Iara Ferreira de Melo Martins / UEPB

Orientadora



Prof^a. Dr^a. Maria Aparecida de Lima Francisco/ UEPB

Examinadora



Prof.^a Esp. Karla Valéria Araújo Silva/ UEPB

Examinadora

A LINGUAGEM DOS FEIRANTES NA CIDADE DE GUARABIRA – PB: UMA PERSPECTIVA VARIACIONISTA

BEZERRA, Daniela Fidelis¹

RESUMO

Este trabalho procurou mostrar a diversidade da língua dos feirantes da cidade de Guarabira - PB, a qual pode ser entendida como uma variação linguística que se realiza por meio das expressões orais. Como objetivos específicos, pretendemos analisar os jargões presentes na linguagem desses feirantes e discutir a importância da valorização desses jargões para uma melhor autoestima dos falantes dessa comunidade linguística. Para a realização das respectivas análises, fez-se necessário adotarmos concepções de teóricos, como: Alkmin (2007); Bagno (2007); Bortoni-Ricardo (2004); (2005); Bagno, Stubbs e Gagné (2002); Gnerre (1985); Pereira e Martins (2014). A metodologia fundamentou-se numa pesquisa-campo através da utilização do método de observação. Diante dos fenômenos analisados, é notória a importância das variações linguísticas no contexto social das pessoas, uma vez que os modos de falar de cada comunidade registram a diversidade linguística, cultural e social existente. Os resultados corroboram a diversidade na utilização dos jargões e, assim como qualquer outra variação linguística, a linguagem dos feirantes, objeto de nosso estudo, deve ser respeitada, já que toda língua é adequada à comunidade que a utiliza.

PALAVRAS-CHAVE: Variação Linguística. Jargões. Fenômenos Linguísticos.

¹ Estudante de Graduação em Letras/Licenciatura. Universidade Estadual da Paraíba.
danniellafidelis@bol.com.br

1 INTRODUÇÃO

Vivemos em um mundo repleto de variações na língua. Alguns estudiosos da área da Linguística mostram que há um equívoco em relação à variação linguística, por parte de algumas pessoas, por acreditarem na existência de uma forma correta na utilização da língua nas diversas situações comunicativas.

Entretanto, é sabido que a existência da diversidade (variação) se dá pelo fato de a comunidade linguística utilizar diferentes modos de falar em diversos contextos. Dessa forma, Alkmin (2007, p.32, grifos da autora) afirma que, para os diversos modos de falar, “[...] a Sociolinguística reserva o nome de *variedades lingüísticas*” e, quanto ao “[...] conjunto de variedades lingüísticas utilizado por uma comunidade é chamado *repertório verbal*”.

Assim como qualquer outra variação linguística, a linguagem dos feirantes, objeto de nosso estudo, deve ser respeitada, já que, “[...] Toda língua é adequada à comunidade que a utiliza, [...]. É absolutamente impróprio dizer que há línguas pobres em vocabulário ” (ALKMIN, 2007, p.41).

Nessa perspectiva, este trabalho tem como objetivo geral mostrar a diversidade da língua dos feirantes, a qual pode ser entendida como uma variação linguística que se realiza por meio das expressões orais, presentes no cotidiano dos profissionais das feiras livres. Segundo Alves (2011, p.12), “[...] a feira livre é uma paisagem que detém manifestações culturais, diversificadas que vão desde os alimentos, os artesanatos até o modo de falar das pessoas”.

Acerca disso, temos como objetivos específicos: analisar os jargões presentes na linguagem dos feirantes e discutir a importância da valorização desses jargões para uma melhor autoestima dos feirantes dessa comunidade. Segundo Aulete (2011, p.519), a expressão técnica “jargão” se refere a uma “[...] linguagem habitual e própria de um grupo social ou de um grupo profissional”.

Para melhor compreender os ensinamentos relacionados às variações linguísticas, nossos estudos partiram dos principais embasamentos teóricos de: Alkmin (2007); Bagno (2007); Bortoni- Ricardo (2004), (2005); Bagno, Stubbs e Gagné (2002); Gnerre (1985); Pereira e Martins (2014).

Este trabalho é, portanto, fruto de leituras teóricas e de uma pesquisa de campo. Para melhor organizar este artigo, o dividimos em cinco partes: a primeira

inicia-se com a “introdução”, na qual é apresentada, de forma geral, a temática abordada. A segunda parte contém a fundamentação teórica, que revela a importância do estudo da variação linguística em nossa sociedade; na terceira parte, correspondente à metodologia, exibirá a forma pela qual os dados foram coletados no campo empírico. Na quarta parte, denominada “descrição e análise dos dados”, realizamos a descrição e análise dos fenômenos linguísticos, e a última parte, a conclusão, traz à tona os resultados, revelando que nossos objetivos foram alcançados.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Conforme os apontamentos de Bagno (2007), no Brasil, a diversidade dialetal está cada vez mais presente. Todavia, os preconceitos linguísticos também estão mais marcados em virtude do valor negativo atribuído a determinados grupos sociais, por não utilizarem a língua padrão. Tal problema é caracterizado em virtude de uma parcela da população considerar algumas variedades “melhores” do que outras.

De acordo com a concepção de Martins e Pereira (2014, p.07), a construção do “modelo” criado através da norma-padrão, regido pela perspectiva da Gramática Tradicional, favorece o surgimento de um problema por acabar concebendo apenas uma variante padrão como “[...] uma variante de maior prestígio – não porque inclua em si algo de especial, mas por ser a norma que, em geral, grupos de maior poder aquisitivo dominam”.

Nesse sentido, a norma é compreendida como um padrão que deverá ser seguido por todos, para que, assim, não possam vir a cometer graves desvios em função de “descaracterizar a língua”, já que o termo “prestígio” diz respeito a um caráter social, econômico e político.

De acordo com os conceitos de Gnerre (1985), existe uma hierarquia na língua: enquanto uma é considerada de prestígio, a outra não é. As pessoas que têm acesso a uma linguagem padrão são tidas como indivíduos cultos, enquanto as que não têm acesso a ela, são vistas como pessoas sem prestígio (estigmatizadas), por utilizarem uma linguagem não-padrão. Vejamos como aconteceu esse processo ao longo da história:

Devido ao processo histórico de constituição da norma-padrão clássica, as regras consideradas “certas” e “boas” são o resultado de um processo de seleção (e, portanto, de exclusão) ocorrido em determinado lugar, em determinada época, por parte de determinado grupo social. Assim, a norma-padrão-clássica do português, como sabemos, foi fixada em *Portugal*, a partir do *século XVI*, por parte da pequena *elite intelectual* (os “barões doutos”) que se inspirava nos critérios de correção e de bom-gosto da Antiguidade clássica greco-romana. Ora, transcorridos mais de quinhentos anos depois do início desse processo de normatização, é impossível que aquele conjunto de normas do “bem falar” e do “bem escrever” corresponda de fato à realidade linguística contemporânea, seja brasileira, seja portuguesa. Afinal, não só a língua mudou: mudaram também as mentalidades, os gostos e as modas, as formas de organização da sociedade, [...] (BAGNO; STUBBS; GAGNÉ, 2002, p.63, grifos dos autores).

Assim, podemos conceber que, ao estudarmos todo o processo histórico correspondente à língua, reconhecemos que as expressões usadas séculos passados, pela humanidade, as quais eram tidas como “palavras corretas”, hoje são vistas de maneira “equivocada” por alguns. Por isso, precisamos desvendar esse “mito” imposto por algumas pessoas, identificando e mostrando que não se trata de erro linguístico, mas de uma variação e mudança, já que, segundo Bagno, Stubbs e Gagne (2002), não houve mudança apenas na língua, mas em tudo, principalmente no modo de pensar de cada pessoa.

Por isso, vale ressaltar, ainda de acordo com perspectiva de Bagno (2007), que a construção de expressões (norma-padrão / norma culta) tidas possuindo sentidos semelhantes, são, na verdade, sinônimos totalmente opostos, visto que a denominação “norma culta” é destinada primordialmente aos falantes com um grau de monitoramento no que se refere à escolaridade e por ter nascido num ambiente urbano. Por outro lado, a denominação “norma-padrão” é utilizada apenas aos falantes que seguem as regras da gramática à risca, conforme a conservação da perspectiva tradicional.

Diante de tais distorções, Bortoni- Ricardo (2005, p.27), aponta que:

Do ponto de vista social, há que se considerar o estigma associado a traços da linguagem popular que funcionam em detrimento da ascensão social do indivíduo. Diante de tal fato, há duas alternativas: ou a sociedade aprende a aceitar a linguagem popular sem restrições, ou os falantes dessas variedades promovem o ajuste de sua fala aos padrões de prestígio. A primeira é naturalmente a mais

desejável. Contudo, quando a língua-padrão é relacionada a classe e não a contexto, tal alternativa torna-se uma possibilidade remota.

Nesse sentido, enquanto as pessoas priorizarem mais o status social do que o contexto em que cada um está inserido, permanecendo presas à perspectiva da gramática tradicional, continuarão reproduzindo o que a maioria acha que seria “certo” ocorrer na comunidade linguística existente.

Entretanto, Bagno (2007, p.37) nos esclarece:

[...] não são as variedades linguísticas que constituem “desvios” ou “distorções” de uma língua homogênea e estável. Ao contrário: a construção de uma norma-padrão, de um modelo idealizado de língua, é que representa um controle dos processos inerentes de variação e mudança, um refreamento artificial das forças que levam a língua a variar a mudar [...].

Ou seja, boa parte dos indivíduos e os seguidores da gramática tradicional acreditam que certas variedades, que não exigem tanto monitoramento no momento da interação, fazem parte de notáveis “desvios” e “distorções”.

Assim, corroborando o ponto de vista de Bagno (2007), Alkmin (2007) considera que não existem línguas e/ou comunidades linguísticas melhores ou piores que outras, já que podemos identificar que, em nosso país - o Brasil -, há indivíduos com características, valores, hábitos e costumes, distintos e diversos, que devemos respeitar, pois cada um conserva uma “bagagem” cultural própria, compreendida por meio das variações linguísticas.

Através da linguagem dos feirantes, *corpus* do nosso trabalho, identificamos essa variação na interação deles com os outros interlocutores envolvidos num processo comunicativo, quando, por exemplo, um comprador de frutas ao dialogar com o vendedor, por intermédio de um jargão, pode decifrar o que outro está querendo transmitir.

Segundo Bortoni- Ricardo (2004, p.23),

Um domínio social é um espaço físico onde as pessoas interagem assumindo certos papéis sociais. Os papéis sociais são um conjunto de obrigações e de direitos definidos por normas socioculturais. Os papéis sociais são construídos no próprio processo de interação humana. Quando usamos a linguagem para nos comunicar, também estamos construindo e reforçando os papéis sociais próprios de cada domínio.

A linguagem dos feirantes reforça os papéis sociais, uma vez que a mensagem foi compreendida por ambos (compradores e vendedores) no momento da interação.

3 METODOLOGIA

A metodologia utilizada para o desenvolvimento do referido trabalho foi com base em uma pesquisa-campo, através do método da observação. Sobre a pesquisa de campo, Marconi e Lakatos (2015, p.69), nos sugerem que:

É aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual se preocupa uma resposta, ou de uma hipótese que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles.

Assim sendo, por intermédio dos constantes diálogos que ocorreram durante a venda e compra de mercadorias, nas feiras livres de Guarabira, observamos a variedade de jargões próprios daquela comunidade linguística.

Segundo Sales, Rezende e Sette (2011, p.02), o termo “feira” provém do latim *feria*, “[...] que significa dia de festa, sendo utilizada para designar o local escolhido para efetivação de transações de mercado em dias fixos e horários determinados”. Ou seja, a feira é um local primordialmente de trabalho, mas também de outras vivências, como, por exemplo, para muitas pessoas, é “momento do passeio, de lazer”. Com relação às particularidades da feira, Nascimento e Amorim (2015, p.03) considera que “[...] o calor, a alegria, a agitação, os cheiros, as cores e os sons são características peculiares de uma feira”.

Dessa forma, a feira livre, além de servir como espaço atrativo onde transcorre a comercialização dos produtos (agrícolas, roupas, calçados, equipamentos para vaquejada, entre outras variedades), contribui, também, para diversos encontros semanais entre as pessoas, mais precisamente ocorridos nos dias de quartas e nos sábados, em Guarabira. O ambiente em que os feirantes trabalham serve como um momento oportuno para que eles, e também os compradores, interajam constantemente, visto que, boa parte das vezes, criam um vínculo de amizade e segurança na compra das mercadorias.

A maioria dos feirantes já começa a chegar ao local da feira por volta de 1h00 às 3h30 da madrugada em virtude de organizarem as barracas. Aos sábados, a

partir das 9h:00 da manhã, a feira começa a ficar um pouco mais movimentada devido ao número de pessoas que aumenta progressivamente, mas o auge ocorre mesmo por volta das 10h:00 horas. Diferentemente dos dias de sábado, o auge da feira, nas quartas, acontece mais cedo, por volta das 07h00.

Dentre alguns produtos comercializados na feira, os mais frequentes são: abacaxi; banana, laranja, mamão, uva, melão, melancia, manga, batata-doce, pêra, milho, maçã, seriguela, pitomba, abacate, morango, fruta-pão, pêssego, acerola, caju, graviola, jaca, pinha, caqui, inhame, macaxeira/ aipim, tomate, pimentão, cebola, cenoura, chuchu, couve, repolho, batatinha, alho, espinafre, beterraba, coentro, feijão verde, fava e jenipapo.

Observamos, nas feiras livres da cidade de Guarabira – PB, que os feirantes proferem os jargões de forma descontraída, como é de praxe acontecer nesse contexto. É importante ressaltar que os feirantes não sabiam que estavam sendo monitorados para que pudéssemos flagrar a linguagem deles da maneira mais informal e espontânea possível. A observação foi realizada em dois dias, durante às quartas-feiras dos dias 15-06-16 e 22-06-16, e em um dia de sábado (11-06-16).

O município de Guarabira - PB está localizado na Mesorregião do Agreste e na Microrregião do Brejo Paraibano. A distância entre Guarabira e a sua capital, João Pessoa, é de, aproximadamente, 98 km. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população estimada no ano de 2015 é de 58.162 habitantes, com o predomínio de uma área territorial de 165,744 km². Seu nome é originário da palavra tupi, que tem como significado “morada das garças”.

A feira de Guarabira - PB, de acordo com Alves A. O. (2011, p.19), “[...] permaneceu em Cuitegí até 1877, [...] Os feirantes não queriam a mudança e discordavam das medidas que iriam ser adotadas”. A autora aponta que de acordo com o relato de um professor – historiador - (Cleodon Coelho), no dia em que os feirantes tiveram que sair de Cuitegi, uma tropa do exército, sob administração de um tenente e contando com cerca de 14 praças, invadiu a localidade e determinou que os vendedores colocassem os produtos na cabeça e viessem para a cidade de Guarabira - PB. O ocorrido “ficou conhecido como a mudança da feira, [...]” (ALVES, 2007, p.57).

Assim que os feirantes chegaram à cidade, as mulheres e as crianças começaram a organizar as barracas com a exposição de suas mercadorias na

avenida em que iria realizar-se a feira, defronte à Igreja Matriz de Nossa Senhora da Luz (onde moravam os familiares considerados mais nobres).

Após alguns anos, a feira livre foi transferida para avenida D. Pedro II. Porém, mesmo tendo funcionado na avenida por vários anos, a feira teve que ser mudada novamente, dessa vez para os dois mercados públicos, por determinação da autoridade municipal, por volta de 1982 a 1983.

Além da importante feira livre que ocorre nas quartas-feiras e aos sábados, existe a feira da troca (realizada próximo à rodoviária municipal, que comercializa vários aparelhos eletrodomésticos, assim como também outros atrativos para compradores em geral, como a venda de bicicletas) e a do gado (que atualmente funciona próxima ao cemitério Bom Jesus). Aos domingos, acontece também umas das feiras mais populares e tradicionais da região, a Feira do Acari. Mesmo sendo uma feira de pequeno porte, comercializa produtos agrícolas, roupas, carne, peixe, entre outros.

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Além da linguagem não verbal, o uso da linguagem verbal ocorre na maioria das operações de compra e venda nas feiras livres por meio da interação social.

A linguagem espontânea dos feirantes registra a marca da oralidade, favorecendo a ocorrência de variados jargões, e a utilização destes, flagrados no cotidiano dos feirantes, revelam características de um ambiente rico em aspectos culturais, linguísticos e sociais.

Sobre a variação linguística, Jesus (2012, p.07) discute o quanto é importante e riquíssima sua ocorrência na língua, “[...] pois como seria se todos os falantes falassem da mesma forma em todos os momentos de interação?” Nesse sentido, o autor aborda que há muitas décadas, estudos ligados ao campo linguístico, comprovam que toda língua é heterogênea e não existe uma sequer que seja viva e possa ser compreendida como homogênea.

Na tabela abaixo temos alguns jargões mais frequentes utilizados pelos feirantes, no momento da venda, isto é, quando se inicia o diálogo da venda, como também durante a compra das mercadorias e ainda quando o freguês já tem realizado essa compra.

JARGÕES

“Chegue, moça.”;

“Oi, **[fia]** filha!”;

“Oi, garota”;

“Diga, senhora”;

“Diga aí, **[mi'nina]** menina?”;

“Diga, minha amiga?” ;

“Diga, minha **[ki'rida]** querida”;

“Diga, madame?”;

“Diga, rapaz?”;

“Diga, meu patrão?”;

“Chegue, **[nêga]** negra, menina ou garota”,

“A **[maka'xera]** macaxeira, D. Maria!”;

“Bora, freguesa...**[kôprá]** comprar barato hoje!”;

“Cada pacote 1 **[reau]** real, **[ku'madi]** comadre”;

“Bora uma bacia, **[muié]** mulher!”.

“Três **[moi]** molho (feijão) é 2”;

“Bora, 2,00 **[reau]** reais a laranja”;

É para **[inxê]** encher a bolsa! Mais que beleza, que beleza!

“Aqui tem de tudo! Bermuda **[pra]** para **[kaba]** **[maxu]** homem ou cara,

“macho” só paga R\$ 30,00...”

“Tenho todo tipo de macaquito para **[muié]** **[f'emi]** mulher fêmea”

Vamos **[kôprá]** comprar, vamos **[kôprá]** comprar, não tenha vergonha de **[kôprá]** comprar barato”.

“Chega **[pra]** para onde tem bom!” [...] Diretamente das profundezas de Pernambuco”

“Bora, chega **[pra]** para cá, chega **[pra]** para cá, chega **[prá]** para cá”[...]

Chega **[prá]** para cá que dar para todo mundo!” [...]

“**[Tá]** está **[xu'venu]** chovendo, é São João ... a mijadinha dele **[tá]** está em

cima!”

“Aproveita que o São João **[tá]** está em cima... e **[tá]** está mais **[mijanú]**. Aproveita que **[tá]** está barato”.

“Eu gostei, a senhora gostou? A blusinha **[tá]** está bonita... **[tá]** está bonita. O São João e São Pedro **[tá]** está em cima!”

“Hoje tudo **[tá]** está barato! Tem que pegar o preço!”

“Eu quero só saber qual é a **[muié]** mulher que ainda vai secar **[us]** **[‘pratu]** os pratos na barra da saia!”

“Passa a **[mâtêga]**, Maria!”

“Braço cruzado serve **[pra]** para duas coisas: ou acompanhar enterro ou seguir a procissão!”

“Bota quente, que já **[tô]** estou fervendo ... onde tem fumaça, tem fogo!”

“Hoje aqui moça bonita não paga!”

“Dinheiro não enche barriga de ninguém, então chegue para **[kôprá]** comprar. Batata doce granfina 2 **[reai]** reais o quilo, **[maka’xera]** macaxeira 2 **[reai]** reais”

“**[‘omi]** homem, **não** tenha medo de engordar **não**, que a mercadoria **[noi]** **[traí]** nós trazemos!”

“Olha a promoção, olha a promoção, que maravilha! [...]”

“**[‘Bota]** coloca ou põe na bolsa, bota na bolsa, bota na bolsa...”

“**[Maka’xera]** macaxeira boa tem aqui, olha o tamanho da menina? Não empurra que dá para todo mundo. Pode ficar à vontade”;

Observamos, primeiramente, que, no momento em que o freguês é abordado pelos feirantes, há várias formas de chamar a atenção, desde um “*Bom dia! Tudo bem?*”, como também até já anunciar o preço dos produtos, como por exemplo: “*Bora, 2,00 [reau] reais a laranja*”; “*É para encher a bolsa! Mais que beleza, que beleza!*”; “*Vamos comprar, vamos comprar, não tenha vergonha de comprar barato*”; “*Olha a promoção, olha a promoção, que maravilha! [...]*”

Destacamos ainda a frequente utilização, pelos feirantes, de vocativos ao iniciar a interação, inclusive usando várias expressões, como “*Chegue moça*”; “*Oi, [fia] filha*”; “*Oi, garota*”; “*Diga, senhora*”; “*Diga aí, [mi’nina] menina?*”; “*Diga minha amiga?*”; “*Diga, minha [ki’rida] querida*”; “*Diga, madame?*”; “*Diga, rapaz?*”; “*Diga, meu patrão?*”; “*Chegue, [nêga] negra, menina ou garota*”; “*A [maka’xera] macaxeira,*

D. Maria!” *“Bora, freguesa...[kõprá] comprar barato hoje!”*; *“Bora uma bacia, [muié] mulher!”*; *“Cada pacote 1 [reau], [ku’madi] comadre”*.

Segundo a gramática de Cegalla (2008, p.366), o termo vocativo é originário do latim *vocare* = chamar, “[...] é o termo (nome, título, apelido) usado para chamar ou interpelar a pessoa, o animal ou a coisa personificada a que dirigimos”.

Assim, identificamos que os vocativos *“[ki’rida] querida”* e *“[mi’nina] menina”* usados pelos falantes para chamar a atenção do freguês, apresentam uma elevação da vogal /e/ para /i/, próprias da oralidade.

Observamos ainda outra variação linguística, como o apagamento do lh *“Oi, [‘fia] filha!”* e *[muié] mulher*. Com relação ao apagamento, Assis (2010, p.47) afirma que “[...] consiste na supressão de algum segmento, podendo este ser um segmento vocálico, consonantal, glide, ou uma sílaba inteira localizada na posição inicial, medial ou final da palavra”.

A “Semivocalização de líquida” é o nome do fenômeno flagrado em *“Bora uma bacia, [muié] mulher; “Três [moi] molho (feijão) é 2”*, consiste, sobretudo, num processo de substituição de uma consoante líquida por um glide.

Nos exemplos destacados, identificamos outro fenômeno da oralidade, o apagamento do -r em posição final dos verbos nas formas infinitivas (comprar, encher): *“Bora, freguesa...[kõ’prá] barato hoje!”*; *“Vamos [kõprá], vamos [kõprá], não tenha vergonha de [kõprá] barato”*; *“É para [i’xê] encher a bolsa!* A “apócope”, nome desse fenômeno, é uma supressão de fonemas em sílabas finais, principalmente em palavras terminadas em – r:

Além disso, percebemos, também, o apagamento do /r/ na sílaba complexa (formada por duas consoantes, sendo a segunda um /r/ ou um /l/), como nas expressões “[‘nega]” e “[ku’madi]”: *“chegue, [‘nega] negra, menina ou garota”*; *“Cada pacote 1 [real] real, [ku’madi] comadre”*.

A falta de concordância, em alguns termos durante a oralidade, também merece destaque, como nos exemplos de concordâncias nominais em que o [s] não aparece marcando o plural dos seguintes termos: *“Eu quero só saber qual é a mulher que ainda vai secar [us] ‘pratu] os pratos na barra da saia!”* *“Bora, 2,00 [‘reau] reais a laranja”*. Na próxima sentença, identificamos que não ocorre a concordância verbal no que se refere à terceira pessoa do plural: *“[omi] homem, não tenha medo de engordar não, que a mercadoria [noi] [trai] nós trazemos!”*. Além

disso, é perceptível o predomínio da dupla negação, típico da informalidade, no último exemplo destacado.

É perceptível também que, em alguns casos, o ditongo /ei/ transformar-se em monotongo no momento em que ocorrem as pronúncias das palavras “macaxeira”; “manteiga” e “dinheiro”: “[**Maka’xera**] macaxeira boa tem aqui, olha o tamanho da menina? Não empurra que dá para todo mundo. Pode ficar à vontade”; “Passa a [**mã’tega**] manteiga, Maria!”; “[**Dinheru**] dinheiro não enche barriga de ninguém, então chegue para [**kõprá**]. Batata doce granfina 2 [**reai**] o quilo, [**makaxera**] 2 [**reai**]”. A monotongação é qualquer processo fonológico no qual um ditongo é convertido em monotongo (Trask, 1996).

Nas expressões “[**Tá**] está [**xu’venu**] chovendo, é São João ... a mijadinha dele [**tá**] está em cima!; “Aproveita que o São João [**tá**] está em cima... e [**tá**] está mais [**mijanu**] mijando.”, há o apagamento do /d/ relacionado as respectivas formas no gerúndio- “ndo”.

Sobre isso, Vieira (2011, p. 10) explica que,

[...] o apagamento da oclusiva dental /d/ no grupo “ndo” é o resultado da assimilação do fonema /d/ pelo fonema /n/ e consiste em duas variantes: presença da oclusiva dental, quando o indivíduo a pronuncia no final de palavras.

A “redução ou abreviações/de vocábulos” também está presente na interação dos vendedores e compradores na feira livre. Mas percebemos que as suas respectivas ocorrências não prejudicam a comunicação dos mesmos. As reduções de vocábulos “[...] são conhecidas de uma maneira geral, como uma forma reduzida de palavras, de modo que não ocasione o não entendimento dos léxicos” (FERREIRA; MATEUS; ABREU, 2015, p.08).

Vejamos alguns exemplos de redução/abreviação de verbos: “Bota quente, que já [**tô**] estou fervendo ... onde tem fumaça, tem fogo!”; “Aproveita que o São João [**tá**] está em cima... e [**tá**] está mais mijando.” Aproveita que [**tá**] está barato. “Eu gostei, a senhora gostou? A blusinha [**tá**] está bonita... [**tá**] está bonita. O São João e São Pedro [**tá**] está em cima!” “Hoje tudo [**tá**] está barato! Tem que pegar o preco!”; “**Tá**] está [**xuvenu**] chovendo , é São João ... a mijadinha dele [**tá**] está em cima!”

Flagramos ainda a prevalência da “contração de preposições” na fala dos feirantes: *“Chega [pra] para onde tem bom!” [...] Diretamente das profundezas de Pernambuco “Bora, chega [pra] para cá, chega [pra] para cá, chega [prá] para cá”[...] Chega [prá] para cá que dar para todo mundo!” [...].*

Observamos, ainda a “redundância” (pleonasma) em alguns termos relacionados aos gêneros feminino e masculino. Para Bechara (2009, p.594), pleonasma “[...] é a repetição de um termo já expresso ou de uma ideia já sugerida, para fins de clareza ou ênfase”. Assim, temos como exemplificação, muito comum na oralidade, as frases: *“tenho todo tipo de macaquito para [muié] [femi] mulher fêmea”; “Aqui tem de tudo! Bermuda [pra] para [‘kaba] [‘maxu] homem ou cara, “macho” só paga R\$ 30,00...”*

Ademais, em outras ocasiões houve a ocorrência de “provérbios ou ditado populares” na fala dos feirantes. Os provérbios ocorrem de forma natural na prática cotidiana dos feirantes e surgem com o intuito de atrair a atenção dos compradores para a compra dos seus produtos.

Para Santos (2012, p.04), os provérbios representam:

[...] a riqueza lexical da língua e fazem parte do folclore, da cultura de um povo, estando presentes em discursos de várias esferas, podendo ir do discurso cotidiano até mesmo ao discurso jurídico. Eles dão um colorido a mais às conversas e causam curiosidade. São enunciados ricos em linguagem conotativa e muito úteis no discurso, servindo como um recurso de linguagem apto a ser aplicado com diferentes objetivos, não deixando de ressaltar seu caráter persuasivo e sua propriedade de verdade universal.

Dessa forma, os ditados populares representam uma das peculiaridades marcantes da cultura/ideologia dos feirantes, uma vez que, além de tentar persuadir o comprador, os feirantes ainda registram suas ideias, seus comportamentos. Como exemplo desses registros da oralidade, temos: *“Braço cruzado serve [pra] para duas coisas: ou acompanhar enterro ou seguir a procissão!” “Bota quente, que já [tô] estou fervendo ... onde tem fumaça, tem fogo!” “Hoje aqui moça bonita não paga!” “Dinheiro não enche barriga de ninguém, então chegue para comprar. Batata doce granfina 2 reais o quilo, macaxeira 2 reais”.*

Diante dos exemplos apresentados, é notória a importância das variações linguísticas no contexto social das pessoas, uma vez que os modos de falar de cada

comunidade linguística registram a diversidade linguística, cultural e social existente no nosso país.

Nesse sentido, os documentos oficiais elaborados pelo MEC, isto é, os PCNs, abordam a necessidade de valorização quanto às variedades dialetais:

A língua portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum se considerarem as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas (BRASIL, 1997, p.26).

Apesar de os fenômenos aqui apresentados serem comuns, na modalidade oral, a maioria dos falantes, como o apagamento do /r/ nas formas verbais infinitivas e do /d/ no grupo “ndo”, no gerúndio, notamos que uma das maiores tendências, quanto ao preconceito linguístico, recai sobre aqueles que ocupam posições sociais menos prestigiadas na nossa sociedade, como os feirantes.

4 CONCLUSÃO

Analisamos, neste trabalho, a diversidade linguística dos feirantes na cidade de Guarabira - PB. É importante ressaltar que nosso objetivo geral foi alcançado, visto que os jargões analisados comprovaram a variação linguística existente como eixo de discussões acerca de como a língua é heterogênea, isto é, diversificada e rica em aspectos culturais.

Da mesma forma, atingimos os objetivos específicos, porque os jargões estudados, presentes na linguagem dos feirantes, permitiram-nos discutir a importância da valorização desses elementos linguísticos para uma melhor autoestima dos feirantes dessa comunidade.

Identificamos, ainda, que os jargões, utilizados pelos feirantes, revelam sua importância e contribuição na sociedade enquanto recurso comunicativo de interação social. Isso foi exemplificado a partir da coleta e análise dos vários fenômenos linguísticos.

Os resultados alcançados contribuíram de forma positiva para mostrar o quanto o estudo das variações linguísticas é importante para a história e valorização dos falantes, principalmente daqueles que ocupam uma posição social menos prestigiada na nossa sociedade, como é o caso dos feirantes (de Guarabira).

ABSTRACT

This paper sought to show the diversity of the language of the market traders in the city of Guarabira - PB, which can be understood as a linguistic variation that takes place through oral expressions. As specific objectives we intend to analyze the jargons present in the language of these vendors and discuss the importance of valuing those linguistic terms for a better self-esteem of the speakers of that linguistic community. For carrying out of these respective analysis, it was made necessary to adopt theoretical concepts by Alkmin (2007); Bagno (2007); Bortoni-Ricardo (2004); (2005); Bagno, Stubbs and Gagné (2002); Gnerre (1985); Pereira and Martins (2014). The methodology was based on a field research by using the observation method. By facing the phenomena analyzed, it is clear the importance of linguistic variations in the social context of the people, since the ways of speaking of each community record the existing linguistic, cultural and social reality. The results support the diversity in the use of the jargons and just like any other linguistic variation, the language of market traders, object of our study, must be respected, since all language is appropriate to the community that uses it.

Key words: Linguistic Variation. Jargons. Phenomena linguistic.

REFERÊNCIAS

ALKMIN, Tânia Maria. Sociolinguística: parte 1. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna C. (Orgs.). **Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras**, v. 1. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 21-47.

ALVES, Alcicleide de Oliveira. **Uma análise sócio-cultural da feira livre de Guarabira**. Monografia (Curso de Licenciatura Plena em Geografia Universidade Estadual da Paraíba. Guarabira, 2011. 50f. Disponível em <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1011/1/PDF%20-%20Alcicleide%20de%20Oliveira%20Alves.pdf>> Acesso em: 04 jun. 2016

ALVES, Ednaldo. **Guarabira um olhar sobre o passado**. 2007. 273 f.

ASSIS, Aline Rabelo. **Apagamento de vogais pretônicas no POBH – norma culta**. Biblioteca Digital, 2010.

AULETE, Caldas. **Caldas Aulete Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Paulo Geiger (Org.). Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos; GAGNÉ, Gilles; STUBBS, Michael. **Língua materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. **Nós chegemos na escola, e agora?** sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**: Brasília: Mec/ SEF, 1997.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48. ed. rev. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

FERREIRA, Helena Maria; MATEUS, Aleques; ABREU, Ana Carolina de. A produtividade do processo de formação de palavras em mensagens de redes sociais. **Revista Vocábulo**, Lavras/MG, v. 8, 1º s, 2015. p. 01 – 20. Disponível em: <https://www.baraodemaua.br/comunicacao/publicacoes/vocabulo/pdf/oitavo/7_hele na_ferreira_e_aleques_mateus_e_ana_carolina_de_abreu_volume_VIII.pdf> Acesso em: 19 ago. 2016.

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo, Martins Fontes, 1985. (capítulo 1: Linguagem, poder e discriminação).

JESUS, Ariosvaldo Leal de. Variação linguística e ensino: contribuições da sociolinguística para a sala de aula. In: Encontro Interdisciplinar de Língua e Literatura. 29 a 31 ago. 2012, Itabaiana/SE: Vol.03, ISSN: 2237-9908. **Anais eletrônicos III ENILL**. Disponível em: <http://200.17.141.110/pos/letras/enill/anais_eletronicos/2012/III_ENILL_Ariosvaldo_Leal.pdf> Acesso em: 16 set.2016.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2015.

NASCIMENTO, W.; AMORIM, L.S. Os sons da feira: estratégias de comunicação dos feirantes na Feira Livre de Itapororoca – PB. In: V Reunião Equatorial de Antropologia; XIV Reunião Antropólogos do Norte e Nordeste, 2015, Maceió. **Trabalhos em Histórias, Memórias e Textos Etnográficos**, 2015. Disponível em: <http://eventos.livera.com.br/trabalho/98-1020652_29_06_2015_21-29-55_2168.PDF> Acesso em: 04 jun. 2016

PEREIRA, Carolina de Jesus; MARTINS, Pablo. O que é norma-padrão?. In: _____ . **Português é legal**. 2014. p. 7 – 8. Disponível em: <<http://www.portugueselegal.com.br/wp-content/uploads/2014/04/portugueselegal2.pdf>> Acesso em: 01 jun. 2016.

SALES, A. P.; REZENDE, L. T.; SETTE, R. S.. Negócio feira livre: um estudo em um município de Minas Gerais. In.: III Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho, João Pessoa/PB, **Anais**, 20-22 nov. 2011. p.01-15. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EnGPR395.pdf>> Acesso em: 11 jun. 2016.

SANTOS, Ana Paula Gonçalves. Análise da escolha lexical no estudo de provérbios em LDP. In.: Simpósio Internacional de Ensino de Língua Portuguesa. **Anais do SIELP**, Uberlândia: EDUFU, 2012. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/06/volume_2_artigo_024.pdf> Acesso em: 19 ago. 2016.

TRASK, R.L. **A dictionary of phonetics and phonologez**. London/New York, 1996.

VIEIRA, Marília Silva. Apagamento de /d/: abordagem sociolinguística sob a perspectiva do gênero sexual. **Wes-Revista Sociodialeto**, Campo Grande, v.1, n. 4, jul. 2011. p. 01-27. Disponível em: <<http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/9/28092011063729.pdf>> Acesso em: 19 ago. 2016.